

DO ENTRUDO AO CARNAVAL

Moacyr Flores¹

Durante o período da quaresma, na Idade Média, guardava-se religiosamente os dias de jejum e de abstinência. Na véspera do início da quaresma, chamada de *intróito*, realizava-se uma grande festa, com danças e brincadeiras burlescas, algumas grosseiras e brutais, oportunizando a liberação da sensualidade, pois era o último dia que se podia comer carne, beber à vontade e ter relações sexuais. A Igreja proibia festa profana pelos excessos cometidos. Os intelectuais criticavam, ao longo do tempo, a incivilidade do entrudo.

Com o decorrer do tempo a palavra *intróito*, na linguagem do povos, passou a ser pronunciada *entrudo*. Do banquete restavam as brincadeiras de jogar pacotes de farinha e água, que os povoadores portugueses trouxeram ao Brasil.

No *Novo dicionário da língua portuguesa*, edição de 1861, Eduardo de Faria define:

Entrudo, s.m. (intróito da quaresma) os três dias que precedem a quaresma ou quadragésima, durante os quais é uso em alguns países divertir-se o povo banquetecendo-se, molhando-se uns aos outros, empoando-se e fazendo outras peças jocosas; carnaval. *Dia de entrudo*, a terça feira que precede à quarta feira de cinza, primeiro dia da quaresma. *Jogar o entrudo*, entrar. *Passar o entrudo*, botar o *entrudo fora*, divertir-se banquetear-se; comer lautamente carne antes da quaresma. *Ter o entrudo fora com alguém*, divertir-se com essa pessoa por ocasião do entrudo. O nosso entrudo corresponde e é uma imitação das Saturnais da antiga Roma.

¹ Professor Doutor do Departamento de História da PUCRS e da UFRGS.

É interessante a correspondência dada por Faria entre o entrudo brasileiro e as Saturnais. As Saturnais ou Saturnália era um festival popular romano em honra de Saturno, que marcava o início do solstício de inverno, no dia 21 de dezembro, época da sementeira de inverno. Durante a semana da Saturnália, os escravos gozavam de liberdade temporária e os negócios eram suspensos, relevavam-se as regras morais, sendo toleradas as orgias presididas por um rei, *Saturnalicius princeps*, que durante o festival tinha direito de copular com qualquer mulher. Na antiga Grécia e Roma as orgias eram marcadas por rituais secretos de fertilidade, com fartura de comida e de bebida, bem como de prática livre de atos sexuais, liberando os instintos. Saturno era o deus romano da fertilidade, da fartura e da sementeira.

O ter entrudo fora com alguém, anotado por Faria, mostra a semelhança com as Saturnais romanas onde predominavam a fartura de comida e de sexo. O entrudo, por sua violência e imoralidade, foi proibido no Brasil em 1604, mas apesar da repressão continuou popular, porque liberava os instintos numa sociedade vigiada pela Inquisição, dominada por regras conservadoras e hipócritas.

Gregório de Matos Guerra (1636-96) escreveu um soneto ao entrudo, apontando satiricamente a comilança que acontecia durante a brincadeira, onde o folião se transformava num porco ao comer e ao sujar outras pessoas, e num grosseiro ao colocar rabos de papel e bater em outrem com colheres de pau, cabo de vassoura e colheres de pau:

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,
galinhas, porco, vaca e mais carneiro,
os perus em poder do Pasteleiro
esguichar, deitar pulhas, laranjadas

Esfarinhar, por rabos, dar risadas
gastar para comer muito dinheiro,
não ter mãos a medir o Taverneiro
com réstias de cebolas dar pancadas

Das janelas com tanhos dar nas gentes
a buzina tanger, quebrar panelas,
querer em um só dia comer tudo

Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,
despejar pratos e alimpar tigelas
estas as festas são do Santo Entrudo.²

Nesta festa gastronômica, filhós eram bolinhos de farinha e ovos, fritos em azeite e polvilhados com açúcar e canela. A fatia é a conhecida rabanada, feita com fatias de pão envelhecidas embebidas em leite, passadas em ovos batidos, fritas e recobertas de açúcar com canela. Os sonhos são bolinhos de farinha e ovos, fritos e recobertos com açúcar e canela. Mal-assadas eram ovos batidos e fritos. A réstia era um trançado de capim ou palha fina onde eram presas as cebolas. A surra com réstia não doía, mas "deixava a pessoa seca". O cuscuz era uma massa de milho ou de arroz que se cozia ao vapor da água quente, dentro de um vaso de barro (cuscuzeiro) de bordas altas, com fundo mais estreito e crivado de furos, por onde passava o vapor. Nas tigelas serviam mingau e canjica, de onde "alimpar" significa comer tudo.

Mas o entrudo não era só comida ou só bebida, era sexo e violência. O poeta Tomás Antônio Gonzaga, em suas Cartas Chilenas refere-se ao santo entrudo como um momento de bebedeira e deboche, acompanhado do batuque:

Tu também já batucas sobre a sala
da formosa comadre, quando o pede
a borracha função do santo entrudo.

O tal de batuque era uma "dança estrepitosa e confusa entre a classe baixa, acompanhada de instrumentos dissonantes", conforme o dicionário de Faria. Gonzaga narra um escarcéu pela noite, em que todos se alegraram com bebidas, entrando na brincadeira a mulher de um laçaió:

Um só senhor, não houve que, lascivo
com ela não buscasse; todos eles
de bêbados que estavam, não puderam
o intento conseguir; só eu, o mais forte...³

D'Orbigny, que esteve no Brasil em 1826, descreve o batuque como uma dança importada da África, praticada pelos brancos, mestiços e negros:

2 MATOS, Gregório de. *Literatura comentada*. (org. Antônio Dimas) S. Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 78-9.

3 GONZAGA, Tomás Antônio. *Obras completas*. S. Paulo: Nacional, 1942, p. 335.

Essa dança que reproduz no meio da semicivilização daquele país, quadros cínicos, só autorizados pela barbárie mais completa, não deixa de ser no Brasil a dança favorita de todas as classes e a única contra a qual os esforços da religião tem sido sempre vão.⁴

Aos poucos aperfeiçoaram a brincadeira do entrudo, passando dos baldes de água para as grandes seringas de folhas de Flandes, até a sofisticação das cápsulas de cera, chamadas de limão de cheiro, contendo água perfumada, que se rompiam ao atingirem uma pessoa.

No domingo antes da Quaresma começava o entrudo, que continuava na segunda e na terça-feira. Suspendia-se a brincadeira na hora da ave-maria, era o momento de rezar e benzer a casa para o demônio não entrar. Não era permitido brincar o entrudo na quarta-feira de cinzas, início da quaresma quando o sacerdote fazia-lhe o sinal da cruz na testa do arrependido folião, molhando o dedo em cinzas, lembrando que o indivíduo era pó e ao pó retornaria.

O entrudo continuou no período colonial molhando as pessoas e sujando de farinha, chegando ao império e à república, existindo ainda em algumas cidades do interior.

O entrudo era uma verdadeira batalha para molhar alguém com água jogada de balde, bacia ou de seringa, com arremesso de limão de cheiro. Na brincadeira jogava farinha, ovos, assopravam por um canudo feijão e milho. Do alto das sacadas e janelas molhavam os incautos. Homens e mulheres se empenhavam em loucas correrias e agarramentos, jogando água. Era um salve-se quem puder!

John Luccock, que chegou ao Rio de Janeiro em 1808, descreve um passeio a cavalo dos ingleses a caminho da casa de um espanhol, quando inesperadamente são atacados por uma saraivada de bolas de cera que os deixaram molhados. Um dos ingleses, que não conseguiu conter a raiva, foi o mais atacado. Conseguiram fugir e ao chegarem junto a uma igreja foram novamente atacados pelos limões-de-cheiro. As filhas do governador tinham se ocultado atrás de um vasto arbusto, à espera da comitiva estrangeira. Como eram gentis senhoritas, filhas do governador, os ingleses receberam a brincadeira com bom humor. Já estavam na casa do espanhol, quando um grupo de rapazes vieram brincar o entrudo. O espanhol sentiu-se ofendido e ameaçou golpear os moços com um

4 ORBIGNY, Alcide D'. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/S. Paulo: USP, 1976, p. 177.

machado, o que não perturbou suas brejeirices, guardando distância da arma ameaçadora.⁵

Debret informa que os únicos preparativos do carnaval brasileiro consistia em preparar limões de cheiro, reunindo toda a família, desde os ricos até os pobres, com dois meses de antecedência, quando procuram constituir sua provisão de cera. Os limões de cheiro eram vendidos por um vintém e os menores por 10 réis. A fabricação era simples. Enfiava-se uma laranja num cabo de pau, depois era mergulhada em cera derretida, que adería em fina película à fruta. Em seguida era mergulhada em água fria e se cortava a película em duas partes, para retirá-la da laranja. Depois soltava-se com cera quente as duas metades, introduzindo água perfumada com canela por um orifício. Os negros se contentavam com a água do chafariz e os cartuchos de polvilhos, estes custavam cinco réis.



Debret: cena de Carnaval.

⁵ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/S. Paulo: USP, 1975, p. 127-8.

Debret também se refere a "certo carnaval em que grupos de negros mascarados e fantasiados de velhos europeus", escoltados por músicos fantasiados, imitavam os gestos dos brancos que riam e se divertiam da brincadeira.

Sinhazinhas, ajudadas pelas mucamas, montavam guarda atrás das portas, que davam acesso ao corredor do andar térreo, onde uma tina de água abastecia jarras, panelas e bacias. O rapaz distraído vinha pela rua e zás, ficava empapado como um pinto, corria atrás das meninas, entrava no corredor escuro e caía dentro da tina, às vezes com uma das sinhás. Era casamento certo, pois agarramento dentro da tina era uma vergonha.

Na manifestação popular havia restrições que marcavam as separações sociais e o comportamento sexual: os negros não podiam molhar os brancos, mas estes podiam ensopar e enfarinhar qualquer negro ou negra. Não era de bom tom homem jogar água em homem.⁶

No período colonial os folguedos do maroto entrudo terminavam em lauda refeição, com bebidas espirituosas. No outro dia era quarta feira de cinzas, dia de arrependimento e penitência, de ressaca e de purgante, de cadeia e de surra em escravo. Era o início da quaresma com jejum e abstinência tanto alimentar como sexual.



R. Mendes de Carvalho, 1840: os resultados do entrudo.

⁶ ARAÚJO, Emanuel. *O Teatro da vícios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993, p. 147-9.

O sensual entrudo era condenado pelos moralistas como desorganização da sociedade. O jornal *O Guaíba* censurou veementemente o divertimento popular:

O entrudo é o resto de Paganismo, é uma comemoração dos bacanais dos antigos, é a festa dedicada ao Diabo e o tempo em que a loucura dos homens está em vigor. Parece que então os homens, como por instinto e tendo vergonha de suas extravagâncias, não se atrevem, durante este tempo, mostrar suas caras descobertas, mas que se mascaram para gozar de liberdade de se fazerem de loucos.⁷

É interessante que durante o sítio de Porto Alegre, pelos farroupilhas, de 1836 a 1839, a população urbana não deixou de brincar no entrudo, jogando água e farinha, num divertimento que era, segundo o cronista de O Guaíba:

(...) o veneno da saúde, o terrível sedutor das mocidade, o carrasco ordinário dos velhos, nunca terá a minha aprovação e dou a minha porção aos que só querem divertimentos mulheris e depois são reduzidos a se arrependem

A lei municipal de 11.1.1838, numa tentativa de civilizar os porto-alegrenses, havia proibido expressamente o divertimento do entrudo na capital da província, mandando inutilizar tudo quanto fosse usado para tal fim, impondo multa de 8 a 16\$000 réis aos contraventores livres, ou 8 a 16 dias de prisão aos contraventores escravos, no caso de seus senhores não os castigarem com 50 chicotadas. As rondas de polícia e os inspetores de quarteirão estavam encarregados das prisões e de levar os contraventores ao juiz de paz.

Parece que nem a ameaça de multa e de chicote esfriaram os ânimos dos foliões violentos, que molhavam os passantes. Os infratores abandonaram as ruas e chegaram às janelas, mandando água e farinha nas patrulhas policiais. Os guardas voltaram ao quartel molhados e sem nenhum preso. A desgraça alheia, roupa molhada e penteado desfeito, provocavam gargalhadas e ditos graciosos.⁸

Já no declínio da Revolução Farroupilha continuava-se a jogar o louco e infernal entrudo. Um leitor moralista do *Estrela do Sul*, de Alegrete, em 1843, condena-o enfaticamente por considerá-lo uma bacanal e loucura de poucos dias, seguidas de longas penitências, catarrais,

7 O GUAÍBA, jornal de Porto Alegre, 11.1.1839, p. 4.

8 O GUAÍBA, jornal de Porto Alegre, 11.1.1839, p. 4.

constipações e até a terrível tísica. A severa economia durante a quaresma não bastava para reparar a ruína causada pelo desperdício da compra de limões de cheiro e de seringas. Quatro barris de água seriam mais econômicos. A brincadeira era grosseira e indigna de pessoas bem educadas. Ladrões e malfeitores "aproveitavam-se das perturbações desses dias de entrudo para perpetrar impunemente os mais horrorosos atentados". Os insolentes valiam-se da confusão para "tomar certas liberdades ofensivas da moral pública e bom costumes e comumente as senhoras, que são vítimas de tais insultos, têm por decência obrigação de calar-se".⁹

A brincadeira popular passou a ser considerada como indigna de nação civilizada. O sentimento civilizado começava a desenvolver-se no Rio de Janeiro, influenciando nas demais capitais das províncias, ditando moda no tipo de divertimento e de relações sociais.

Shakespeare, em sua imortal peça de amor, faz com que o jovem Romeu conheça sua doce Julieta num baile de máscara, durante o carnaval de Verona. O interessante é que foi uma mulher de teatro, a artista Clara Delmastro que introduziu o baile de máscaras (baile masqué) no teatro D. Pedro, do Rio de Janeiro.

Em 1841, quando os rebeldes farroupilhas não mais ameaçavam a capital, chegou a Porto Alegre o *baile masqués*, com o objetivo de substituir o popular e irreverente entrudo.

O grande dramaturgo Luís Carlos Martins Pena, criador da comédia nacional, noticiou em seu *Folhetim* que a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 1843, pretendia substituir o popular entrudo por bailes e danças mascaradas, conforme já se fazia há muito tempo na Europa. Tanto criticaram o projeto que os edis cariocas desistiram de levar adiante a idéia civilizadora. Martins Pena concluiu, com propriedade, que uma das causas do furor do entrudo era a privação em que se via o povo durante todo o ano, soltando os freios apenas uma vez. Sugeriu que se organizassem danças mascaradas e correrias burlescas pelas ruas em lugar de bailes de máscaras realizados nos teatros, por serem caros e nem todos poderem comprar entrada.¹⁰

Em 1846 Thomas Ewbank teve sua atenção despertada para a venda de bolas coloridas de cera e cilindros de papel com polvilho no comércio do Rio de Janeiro. No café da manhã, da pensão, foi atacado por um

9 ESTRELA DO SUL, jornal de Alegrete, 4.3.1843, p. 1-2.

10 PENA, Luís Carlos Martins. *Folhetim*. Rio de Janeiro: INL, 1965, p. 141-5.

exército feminino que lhe derramou polvilho sobre a cabeça e água. Ao se retirar da sala, recebeu um bombardeio de bolas coloridas contendo água. Refugiou-se no quarto com o corpo cheio de fragmento da cera das bolas do entrudo. No dia do entrudo, ao se levantar, encontrou as extremidades das calças costuradas e na pensão, o café foi servido sem açúcar ou com sal, as torradas estavam envoltas em fios finos para prender nos dentes. Os passantes eram convidados a entrar nas casas, com promessas para se abrigarem dos ataques, mas lá dentro também eram molhados, pois "mentiras do entrudo não eram pecados". Na mesa, era costume colocar pernis de madeira, pastéis de areia, sapos dentro de pratos e materiais não comestíveis dentro do pudim. Colocavam na cadeira bolas de cera e polvilho, convidando as pessoas a sentarem, se tal acontecia era uma explosão de gargalhadas. Colocavam farinha e água dentro dos chapéus, esperando que os incautos colocassem na cabeça. Era costume também enviar pessoas com missões idiotas, levando uma carta que o mandaria para outra pessoa, numa seqüência sem fim. Era costume pegar galinhas ou peru de um vizinho e depois convidá-lo para o banquete, ou assaltar sua despesa para lhe oferecer uma janta. As seringas eram vendidas por 2\$000 réis. Os escravos marotos enchiam-nas nos esgotos e raramente molestavam os brancos.¹¹

No entrudo de 1846, o sapateiro português José Nogueira de Azevedo Paredes animou a folia carnavalesca do Rio de Janeiro, com um grupo tocando zabumbas pela rua, era o *Zé Pereira*, costume português. Os imitadores criaram novos grupos, cantando jocosamente e tocando instrumentos de percussão e sopro. Irreverente, alegre e barulhento o *Zé Pereira* desfilava pelas ruas, arrastando a criançada.

Lembro ainda de uma marchinha que cantava em 1945, quando a criançada da rua fazia o carnaval, batendo em latas e caixas de madeira, reminiscência de antigos carnavais:

Viva o Zé Pereira
na ponta da bandeira,
comeu muita banana
e ficou com caganeira.

Em 14.1.1855, em seu folhetim, José de Alencar, considera o carnaval como um jogo que "transtorna o juízo com os seus momos

11 EWBank, Thomas. *Vida no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/S. Paulo, USP, 1976. p. 81.4.

grotescos e suas voluptuosas bacantes". O desembargador Siqueira proibira o jogo grosseiro e indecente de entrudo, que fazia as delícias de certas gentes. Nesse ano a polícia estava encarregada de extirpar o abuso com punição e multa. No ano anterior fora criada uma sociedade carnavalesca, com 80 sócios, para desfilar pelas ruas com mascarados em trajes de luxo, jogando flores e confete, acompanhados de uma banda de música. Foi o primeiro corso que se realizou no Rio de Janeiro. Na crônica de 25 de fevereiro, Alencar comenta o desfile dos máscaras da *Sumidades Sociedade das Carnavalescas*, com trajes ricos e elegantes, como Nostradamus, Luís XIII, Temístocles, Soulouque, Benevenuto Cellini, Van Dick e mais outros tantos fantasiados que superaram a expectativa. Equivocadamente Alencar afirmou:

O entrudo está completamente extinto; e o gosto pelos passeios de máscaras tomou este ano um grande desenvolvimento. Além do Congresso, muitos outros grupos interessantes percorreram diversas ruas e reuniram-se no Passeio Público, que durante os três dias esteve literalmente apinhado.¹²

Em Porto Alegre, imitando a Corte, criaram o desfile de carruagens, levando mascarados, antes do início do baile, com gentis moças jogando flores, parecia que o novo carnaval matou o imoral entrudo, perigoso para as moças de família, não só pelos agarramentos e correrias, mas também porque as águas aromáticas dos limões poderiam provocar a tísica em donzelas robustas e viçosas.

Em 1862, Manuel de Araújo Porto Alegre escreveu a comédia em três atos *Os lobisomens*, cuja ação se desenrola numa baile de máscaras no teatro do Rio de Janeiro, no ano de 1859. Juliana, fantasiada de dominó azul convida o cunhado Juliano:

Júlia – Mano, venha conosco, vamos ao baile mascarado, temos um camarote.

Juliano – A senhora sabe que hoje aborreço estes divertimentos e que até nem posso ouvir falar neles. Se não fui à casa do Conselheiro, como hei de ir ao teatro?

Alfredo – Mas no teatro estamos mascarados, somos de outra raça.¹³

12 ALENCAR, José de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 197, vol. 1, p. 124-37.

13 PORTO ALEGRE, Manuel de Araújo. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: MINC/INACEN, 1988, p. 34.

Na realidade Alfredo quer se divertir sem a esposa Amália. Ele finge que é lobisomem para passar a noite na boêmia. Juliana, que sabe de suas traições, convence Amália de comparecer ao camarote, fantasiada de dominó branco. Alfredo, para convencê-la, afirma:

Alfredo – Dizem que está tudo uma riqueza estupenda! Assevero que vi os carnavais de Paris e de Roma e que ambos estão longe de emparelhar com o nosso deste ano! Não pensem vocês que lá é melhor! Tudo o que é bom pega com facilidade na nossa terra. (...) Escutem minhas senhoras, o programa fala de Apolo, da corte do rei Midas e do seu magnífico acompanhamento. Sei que se recrutaram todas as dançarinas ativas em disponibilidade e exoneradas; sei que há uma dança antiga, uma bacanal em regra; sei que há outra dança pírrica de brancos e vermelhos ensaiada pelo novo mestre que nos veio de Milão; e sei mais que há uma pantomima, que acaba pelo galope infernal.¹⁴

Mas o carnaval de mascarados não era só danças e pantomima. A comédia descreve o camarote no teatro:

sala grande, contígua ao salão do teatro. Arcadas envidraçadas no fundo, pelas quais se vêem transparecer o baile e os mascarados. À esquerda uma porta com reposteiro, que dá entrada ao toucador das damas; no meio, em forma de meia-lua, uma rica mesa com iguarias e dos lados sofás e cadeiras de braços.¹⁵

O camarote era o local discreto onde se bebia, comia e acontecia os encontros amorosos. As damas eram as amantes dos convidados ou dançarinas ativas. A bebida ia desde champagne ao marrasquino, creme de amêndoas, cravo, canela, baunilha, curaçuau legítimo e até laranjinha de Parati.

Em 1856 e 1857 não jogaram o entrudo em Porto Alegre por causa de epidemia de cólera morbus.

Segundo Athos Damasceno, o entrudo desapareceu de Porto Alegre a partir de 1858, substituído pelos bailes de máscaras e desfiles de fantasiados em carros ornados de flores. Mas o chefe de polícia Coelho Bastos, em Porto Alegre, resolveu jogar o imoral e grosseiro entrudo, em 1869, apesar da proibição, com o aplauso geral da população que já

14 PORTO ALEGRE, Idem, p. 45.

15 PORTO ALEGRE, idem, p. 29.

estava enjoada dos mascarados sem graça. Em 1870, aparecem triunfalmente as seringas de borracha, que substituíram os baldes de água.¹⁶

Finalmente um grupo de jovens de nosso comércio e de boas famílias resolveram dar o golpe de misericórdia no grosseiro entrudo: criaram as sociedades carnavalescas Esmeralda e dos Venezianos, em 1873. No ano seguinte surgia o primeiro carnaval em Porto Alegre com préstitos, bailes, postes iluminados, ruas enfeitadas com galhardetes e festões. Uma grande festa com o povo embasbacado enchendo as ruas da cidade.

Em 1875, na terça feira à noite, a Sociedade dos Venezianos realizou o enterro dos ossos: num esquife aberto era levado um leitão assado simbolizando o entrudo morto. Mas o traquinas entrudo não morreu, continuava nas ruas e nos bailes populares do Teatro S. Pedro e Variedades.

Areimor, em uma crônica de 1879, relata que nesse ano o entrudo foi terrível. Bandos de mulheres percorriam as ruas "com sangue injetado em frenético entusiasmo pegando os homens para levá-los ao banho" numa tina ou num tanque muito grande, no pátio ou no fundo do corredor. O demo ficava solto:

O que fazíamos era aproveitar a ocasião e agarrarmo-nos ao que encontrávamos mais a jeito... ora num redondinho braço carnudo e apetitoso, ora numa cintura delgada e bem feita, ora na ponta de um corpinho que no excesso do prazer se desabotoava deixando-nos encantado com o torneado das brancuras que lá se ocultava, ora...¹⁷

Surgia um novo tipo de carnaval em detrimento do entrudo. Em 1879 a Sociedade Germânia, reunindo imigrantes alemães, começou a desfilar no carnaval. Em 1881, a Sociedade Floresta Aurora, que surgiu a partir de uma banda de negros, realizou sua primeira passeata burlesca, imitando tipos populares. Em 1882 os pândegos trouxeram uma grande novidade: baile de máscaras em riques de patinação.

O entrudo era reminiscência de costumes antigos que vieram de Portugal, considerado como pueril por suas brincadeiras jocosas, grosseria pela molhação e pancadaria, foi combatido em nome da civilidade e da moralidade. Sua maior condenação era porque propiciava oportunidade para contatos mais íntimos com as mulheres, libe-

16 DAMASCENO, Athos. *O Carnaval porto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1970, p. 16.

17 AREIMOR. *Alinhavos*. Porto Alegre, tip. Jornal do Comércio, 1896, p. 136-7.

Embora fosse um festival popular, os códigos raciais não permitiam que os escravos negros molhassem ou enfarinhassem os brancos e livres. Quando o entrudo deixou de existir, as brincadeiras em forma de peças jocosas deslocaram-se para o dia primeiro de abril.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José de. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977. vol. 1.
- ARAÚJO, Emanuel. *O teatro dos vícios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- AREIMOR. *Alinhavos*. Porto Alegre: tip. Jornal do Comércio, 1896.
- DAMASCENO, Athos. *O Carnaval porto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1970
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/S. Paulo: USP, 1978.
- EWBANK, Thomas. *Vida no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/S. Paulo: USP, 1976
- PORTO ALEGRE, Manuel Araújo. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: MINC/INACEN, 1988
- FARIA, Eduardo de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert 1861.
- GONZAGA, Tomás Antônio. *Obras completas*. São Paulo: Nacional, 1942.
- LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: USP, 1975.
- MATOS, Gregório de. *Literatura comentada*. (Org. Antônio Dimas). São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- ORBIGNY, Alcide D^o. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: USP, 1976.
- SPALDING, Walter. Carnaval de outros tempos. In *Revista do Globo*, Porto Alegre, 13.3.1964, p. 50-55.

Coleções de jornais e revistas:

- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, jornal de Porto Alegre. Coleção Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.
- FEDERAÇÃO (A), jornal de Porto Alegre – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.
- CORREIO DO POVO, jornal de Porto Alegre. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.
- GLOBO, Revista de Porto Alegre.
- KODAK, Revista de Porto Alegre. Coleção particular.
- MÁSCARA. Revista de Porto Alegre. Coleção do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.